

Pré-Modernismo

| | | |
|---|---|----|
| E | U | |
| P | A | S- |
| S | O | |

| | | |
|---|---|----|
| | T | U |
| P | A | S- |
| S | A | S |

| | | |
|---|---|----|
| E | L | E |
| | R | A- |
| L | A | |

Pré-Modernismo

1. Os trechos abaixo do romance *Madame Pommery* referem-se a duas personagens importantes não só do ponto de vista de sua participação na trama, como também do ponto de vista de sua presença no quadro social de São Paulo no início deste século.

I. “Uma centena de páginas adiante, vemos Pinto Gouveia, coronel e capitalista, desalojado do Paradis com uma enorme conta a liquidar de 12.914\$400!... E entretanto, o fato, embora muito sabido, passou com algumas risadas maliciosas como cousa permitida, natural e costumeira...”

II. “Com esta sublimação de ideais, a vida de Justiniano discorria tranqüila e ignorada, mas augusta, como esses trabalhos tão portentosos como invisíveis da natureza, na vegetação dos polipos, das esponjas, e dos zoófitos em geral. Mas não se vá imaginar, por isso, que era uma vida toda ela na sombra e nas profundidades. Tinha os seus dias de florir e aparecer à luz, com pompa e solenidade. Justiniano florescia e Justiniano se ostentava, nos dias de procissão e de festas nacionais. Sair de opa e de estandarte na procissão de Corpus Christi, envergar a sobrecasaca, pôr cartola e cumprimentar o Presidente no dia 15 de Novembro, eram os acontecimentos mais festivos, as grandes funçanatas de toda a sua existência. Afora isso, novenas, missas, sermões uma vez por outra, o Raposo Botelho, o Jornal do Commercio e o Mensageiro Episcopal, enchiam-lhe os mais dos ócios que lhe deixavam a revisão e os lançamentos. E ainda lhe sobrava tempo de pensar na aposentadoria; e não só tempo, ao que parece, pois ia à Caixa Econômica uma vez por mês com exemplar pontualidade, e em seguida ao pagamento...”

a) faça uma comparação entre ambas as personagens, Pinto Gouveia e Justiniano, quanto à sua participação nos projetos de Madame de Pommery.

b) aponte, no segundo trecho, expressões que demonstrem como o narrador descreve Justiniano como metódico, religioso e patriota. Considerando o destino dessa mesma personagem, explique porque essa descrição é, na verdade, irônica.

2. Um homem de consciência

“Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.

Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E por muito tempo não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor.

Mas João Teodoro acompanhava com aperto de coração o deperecimento visível de sua Itaoca.

Isto já foi muito melhor, dizia consigo. Já teve três médicos bem bons — agora só um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhos bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está seacabando...

João Teodoro entrou a incubar a idéia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mais conserto ou arranjo possível.

— É isso, deliberou lá por dentro. Quando eu verificar que tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada de nada, então arrumo a trouxa e boto-me fora daqui.

Um dia aconteceu a grande novidade: a nomeação de João Teodoro para delegado. Nosso homem recebeu a notícia como se fosse uma porretada no crânio. Delegado ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada...

Ser delegado numa cidadezinha daquelas é coisa seriíssima. Não há cargo mais importante. É homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo. Uma coisa colossal ser delegado — e estava ele, João Teodoro, de-le-ga-do de Itaoca!...

João Teodoro caiu em meditação profunda. Passou a noite em claro, pensando e arrumando as malas. Pela madrugada botou-os num burro, montou no seu cavalo magro e partiu.

— Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?

— Vou-me embora, respondeu o retirante. Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.

— Mas, como? Agora que você está delegado?

— Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado, eu não moro. Adeus. E sumiu.“

(Lobato, Monteiro. *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 2004, 26ª- edição, p. 167-8)

Este texto de Lobato é legítimo representante do Pré-Modernismo brasileiro por:

- ir ao encontro das idéias parnasianas, principalmente no que se refere à estrutura formal e temática, daí trechos descritivos tão intensos.
- trazer, nas entrelinhas, a denúncia do escândalo do petróleo junto às cidades do norte do Vale do Paraíba.
- trabalhar uma linguagem subjetiva, carregada de figuras estilísticas que forçam a interpretação do leitor em busca das mensagens subliminares.
- ser uma denúncia clara da realidade brasileira e do descaso das autoridades em relação às cidades do norte paulista do Vale do Paraíba que o autor assim caracteriza: “onde tudo foi e nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito. (...) cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes“.

- e) apresentar diálogos objetivos que obedecem à norma culta da língua portuguesa e reforçam a criação de tipos humanos marginalizados — já que João Teodoro, mudando de cidade, passa a ser Jeca Tatu.

3. O fato de João Teodoro decidir mudar-se de Itaoca, segundo o texto, revela que:

- a) ele não tinha plena consciência de que poderia ser delegado naquela cidade porque lhe faltavam algumas habilidades essenciais.
- b) o Tenório tinha mais capacidade para exercer a função para a qual ele, João Teodoro, estava sendo nomeado.
- c) ele, João Teodoro, apesar de toda a descrença em si próprio, ainda prestava, tinha algum valor.
- d) depois da crise cafeeira, nenhuma cidade tinha esperança de crescimento ou de auto-suficiência econômica.
- e) o governo houvera abandonado as pequenas cidades porque elas já não eram mais lucrativas e só trariam despesas aos cofres públicos.

4. Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta esturvinhado à crise de uma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se, de novo.

Pelo 13 de maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano: estouram as granadas de Custódio; Gumercindo bate às portas de Roma;

Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o desperta. Nenhuma ferretoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca antes de agir, acocora-se.

Monteiro Lobato

Jeca Tatu de Monteiro inspirou um cantor brasileiro a compor:

JECA TOTAL: "Jeca total deve ser Jeca Tatu presente, passado, representante da gente no Senado."

Fala-se de:

- a) Chico Buarque
- b) Caetano Veloso

- c) Gilberto Gil
- d) Roberto Carlos
- e) Milton Nascimento

5. A característica de Augusto dos Anjos ausente no texto é:

Vandalismo

Meu coração tem catedrais imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nume de amor, em serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações intensas
Cintilações de lâmpadas suspensas

E as ametistas e os florões e as pratas.
Como os velhos Templários medievais
Entreí um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!

(Augusto dos Anjos)

- a) descrença da realidade.
- b) visão pessimista.
- c) angústia diante da vida.
- d) conflito existencial.
- e) vocabulário antipoético

6. A propósito da exposição de Malfatti

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida (...). A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da

cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro.

(...)

Se víssemos na Sra. Malfatti apenas uma -moça que pinta-, como há centenas por aí, sem denunciar centelha de talento, calar-nos-íamos, ou talvez lhe déssemos meia dúzia desses adjetivos -bombons-, que a crítica açucarada tem sempre à mão em se tratando de moças. A artista, criticada por _____, em texto conhecido como _____, apresentava características

_____.

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas.

- a) Oswald de Andrade - Manifesto antropófago - realistas
- b) Monteiro Lobato - Paranoia ou mistificação ? - expressionistas
- c) Mário de Andrade - Prefácio interessantíssimo - surrealistas
- d) Graça Aranha - O espírito moderno - impressionistas
- e) Mário de Andrade - Mestres do passado - cubistas

7. Nas duas primeiras décadas do século XX, surgiu, no Brasil, o Pré-Modernismo. Sobre esse tema, analise as proposições abaixo.

- () Foi um movimento com ideário estético rígido, com linguagem altamente formal e cuja temática dominante era a defesa do regime republicano recém instalado (1889).
- () Surgiu num período em que, em termos gerais, predominava a estética parnasiana na poesia, com sua valorização do mundo greco-latino e a concepção de literatura como elaboração formal.
- () Nesta época, início do século XX, foi contemporâneo de alguns simbolistas remanescentes, que sonhavam com sensações inefáveis, distantes da realidade.
- () Contrastando com os simbolistas e parnasianos, Euclides da Cunha escreveu Os Sertões, documento amargurado e realista, sobre a guerra de Canudos, da qual participou como enviado do jornal O Estado de São Paulo. Descreveu, numa mescla de romance e ensaio científico, uma epopeia às avessas, que foi publicada em 1902.
- () Lima Barreto, outro autor da época, tem como principal obra: O triste fim de Policarpo Quaresma. Em seu livro, abandonou o mundo helênico, perfeito e imaginário, descrevendo a tristeza dos subúrbios e revelando preocupação com fatos históricos e costumes sociais. Seu estilo era semelhante ao de Machado de Assis, pelo refinamento linguístico, pela forma trabalhada, limpa e perfeita.

8. Noite em João Pessoa

A noite de ontem, ostentando uma cenografia muito lúgubre, nos deu a impressão de que a justiça, na Paraíba do Norte, havia aberto falência.

Afigurou-se-nos, então, que nosso aerópago forense, tornar-se-ia d'ora em diante um núcleo tristíssimo de bacharéis escaveirados com a faculdade prosódica obstruída por uma alalia incurável, arrastando desconsoladamente pela sala das audiências as fósseis togas hipotecadas.

O largo da Catedral de N.S. das Neves, oferecia sem nenhum exagero, uma perspectiva inteiramente desalentadora.

A iluminação elétrica, de um efeito intensivo péssimo, iluminava com reflexos mortiços toda aquela decadência sintomática que bem equivalia à justiça mundial agonizante, festejando com alguns círios e com o Cinema Halley a véspera de sua desintegração absoluta.

Pouquíssimos circunstantes.

Alguns, exibindo hiatos de desilusão mal contida, regressavam aos lares, com o atabalhoamento nervoso e a diminuição concomitante da verticalidade dorsal de quem está sendo vaiado publicamente (...)

Ah! certamente, a noite da Justiça, com sua treva e os "films" magríssimos de seu cinema plebeu, foi apenas o prelúdio incoerente e mal definido dos deslumbramentos futuros que as outras noites hão de trazer, como uma compensação muito carinhosa, ao nosso espírito decepcionado.

(Trecho da crônica inédita de Augusto dos Anjos. Jornal O GLOBO, 04/09/94.)

No 6º parágrafo do texto, percebe-se a degradação física e moral dos bacharéis, que é motivada por:

- a) problemas físicos que atacam os nervos.
- b) desilusão amorosa contida.
- c) decepção profissional sofrida.
- d) sacrifício da volta ao lar.
- e) arqueamento da coluna pelo excesso de trabalho.

9. “Não lhes bastavam seis mil mannlichers e seis mil sabres; e o golpear de doze mil braços, e o acalcanhar de doze mil coturnos; e seis mil revólveres; e vinte canhões, e milhares de granadas, e milhares de schrapnells, e os degolamentos, e os incêndios, e a fome, e a sede; e dez meses de combates, e cem dias de canhoneio contínuo; e o esmagamento das ruínas; e o quadro indefinível dos templos derrocados; e, por fim, na ciscalhagem das imagens rotas, dos altares abatidos, dos santos em pedaços - sob a impassibilidade dos céus tranquilos e claros - a queda de um ideal ardente, a extinção absoluta de uma crença consoladora e forte...

Impunham-se outras medidas. Ao adversário irredutível as forças máximas da natureza, engenhadas à destruição e aos estragos. Tinha-as, providentes. Havia-se prefigurado aquele epílogo assombroso do drama. Um tenente, ajudante-de-ordens do comandante geral, fez conduzir do acampamento dezenas de bombas de dinamite. Era justo; era absolutamente imprescindível. Os sertanejos invertiam toda a psicologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota.”

(CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 520-521)

Com base no texto e na obra de Euclides da Cunha, assinale a proposição incorreta.

- a) O texto é exemplo de como o sertanejo é descrito também em outras passagens do livro *Os sertões* e confirma a consagrada frase de Euclides da Cunha: “O sertanejo é antes de tudo um forte” (p. 115).
- b) A narrativa de Euclides da Cunha propõe uma antítese entre a força física ou material do exército e a força do sertanejo, adaptado às condições de seu lugar e amparado pela crença religiosa.
- c) Quando afirma que “Impunham-se outras medidas” (linha 17), pois todo aquele arsenal não lhes bastava, o narrador quer dizer que os soldados apelaram para os “céus tranquilos e claros” (linha 14).
- d) Há dois planos opostos que descrevem os dois lados desiguais da luta em Canudos. De um lado, o exército de São Sebastião e, de outro, os sertanejos com suas ruínas, na ciscalhagem das imagens rotas e em pedaços.
- e) A construção do texto por meio de paradoxos como “enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota” (linhas 27-29) confirma uma das características da obra: a presença de elementos contrastantes como resultado de ideias antagônicas.

10. “Antônio Maciel, ainda moço, já impressionava vivamente a imaginação dos sertanejos. Aparecia por aqueles lugares sem destino fixo, errante. Nada referia sobre o passado. Praticava em frases breves e raros monossílabos. Andava sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude... Tornou-se logo alguma coisa de fantástico ou malassombrado para aquelas gentes simples. Ao abeirar-se das rancharias¹ dos tropeiros aquele velho singular, de pouco mais de trinta anos, fazia que cessassem os improvisos e as violas festivas. Era natural. Ele surdia² esquelético e macerado – dentro do hábito escorrido, sem relevos, mudo, como uma sombra, das chapadas povoadas de duendes... Passava, buscando outros lugares, deixando absortos os matutos supersticiosos. Dominava-os, por fim, sem o querer. No seio de uma sociedade primitiva que pelas qualidades

étnicas e influxo das santas missões³ malévolas compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres, o seu viver misterioso rodeou-o logo de não vulgar prestígio, agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante. A pouco e pouco todo o domínio que, sem cálculo, derramava em torno, parece haver refluído sobre si mesmo. Todas as conjecturas ou lendas que para logo o circundaram fizeram o ambiente propício ao germinar do próprio desvario. A sua insânia estava, ali, exteriorizada. (...) Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças. E cresceu tanto que se projetou na História...

Euclides da Cunha. Os sertões. Parte II.

Notas:

1. Rancharias: arranchamento, conjunto de ranchos ou casebres; povoado pobre.
2. Surdia: surgia.
3. Santas missões: instalação de missionários para pregação da fé cristã. Esses propagandistas do cristianismo agem em grupo, criando um ambiente de histeria, que favorece a persuasão da mensagem cristã.

Considere as seguintes afirmações e, em seguida, marque a alternativa correta.

- I. Euclides da Cunha apresenta Conselheiro de acordo com a visão positivista, dominante no fim do século XIX e início do XX.
 - II. No texto de Euclides predomina a norma culta, imposta pelo rigor científico mas de rara beleza literária, com toques de erudição.
 - III. Na opinião de Euclides, o domínio do Conselheiro sobre as povoações que ele visitava foi se impondo pelo carisma da figura messiânica do líder religioso. Para isso, contribuiu o ambiente atrasado e supersticioso da região.
- a) Se todas as afirmações estiverem corretas.
 - b) todas as afirmações estiverem incorretas.
 - c) Se apenas I e II estiverem corretas.
 - d) Se apenas II e III estiverem corretas.
 - e) Se apenas III estiver correta.

Vem que tem mais!

Texto I

A vida de Monteiro Lobato é marcada por sua atuação e temperamento inquietos, sempre a enveredar-se na busca pelo novo. Ativo e dinâmico, o escritor vive de forma intensa, procurando tornar realidade os seus sonhos, ideais e objetivos. Ousado, não só diz o que

pensa, como também mostra o seu espírito empreendedor e positivista, concebendo a mudança como um fator necessário e inerente à própria vida. Ousar, acreditar e mudar são atitudes que além de nortearem o seu pensamento, refletindo-se em sua vivência particular, fazem parte de suas expectativas em relação ao Brasil. Monteiro Lobato nasceu em 1882, na cidade de Taubaté e veio a falecer em 1948, na cidade de São Paulo.

Sua trajetória de vida envolve sua atuação multifacetada como fazendeiro, escritor, editor, tradutor e empresário, atestando a sua intensa vivência. Como fazendeiro, ao herdar do avô uma fazenda de grande porte, próxima ao município de Buquira, no Estado de São Paulo, Lobato além de entregar-se, sem sucesso algum, à atividade de agricultor, conhece os problemas do campo e a realidade do sertanejo. A partir dessa experiência, escreve os ensaios Urupês e Velha praga, denunciando a situação do homem do campo.

Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES/MONTEIRO_LOBATO.pdf.

Texto II

Jeca-Tatu era um caboclo que vivia no campo na maior pobreza. Sua rotina baseava-se em ficar o dia inteiro sem fazer tarefa alguma, fumando seu cigarro de palha, bebendo sua pinga e observando o dia passar. Sua roupa parecia um trapo e andava o tempo todo descalço. Possuía algumas pequenas plantações que garantiam seu próprio sustento. Havia também próximo a sua casa um ribeirão, onde podia pescar.

As pessoas tinham uma péssima imagem do Jeca, bêbado e preguiçoso. Quando perguntavam-lhe porque ele vivia desse jeito, respondia:

- Não vale a pena fazer coisa alguma! Bebo para esquecer as desgraças da vida.

Um dia um médico passou em frente à casa e espantou-se com tanta miséria. Percebendo que o cabloco estava amarelado e muito magro, resolveu examiná-lo. Jeca disse a ele que sentia muito cansaço e dores pelo corpo. O médico constatou que tratava-se de uma doença chamada de ancilostomose, o amarelão. Explicou que tal doença era causada por pequenos vermes que entravam no seu corpo através da pele, principalmente da perna e dos pés.

Receitou-lhe então remédios e um par de botas.

Meses depois do tratamento, Jeca já era outra pessoa. A moleza tinha desaparecido e ele passava o dia inteiro trabalhando. Arrumava a casa, plantava, pescava, carregava madeira, cuidava do gado. Não exagerava mais na bebida. Ninguém mais o reconhecia, trabalhava tanto que até preocupava as pessoas. Ele, a mulher e os filhos andavam agora calçados, para evitarem a doença.

Com isso, a fazenda prosperou e Jeca-Tatu tornou-se um homem muito respeitado.

Disponível em:
http://www2.ibb.unesp.br/departamentos/Educacao/Trabalhos/obichoquemedeu/ancilostomose_jeca_tatu.htm.

As histórias de Monteiro Lobato vão além de divertir e entreter o público infantil. Com muitas delas, ele trouxe à tona os problemas de saúde pública existentes no Brasil. Jeca-Tatu é um dos personagens que serviu como ferramenta de campanha em favor do saneamento, além de esclarecer e educar a população sobre uma doença tropical: o amarelão.

Com base na leitura dos dois textos e considerando seu plano de luta política e social, marque a alternativa correta:

- a) Monteiro Lobato, através de Jeca-Tatu, critica a face de um Brasil agrário, atrasado e ignorante, cheio de vícios de vermes.
- b) Para Lobato, o ideal de país era um Brasil moderno, estimulado pela ciência e pelo progresso e, por isso, apoiava a ligação das autoridades brasileiras com interesses internacionais.
- c) O escritor criticava a obediência a modelos estrangeiros e, como era ideologicamente avançado, apoiou as primeiras manifestações modernistas em São Paulo.
- d) Monteiro Lobato tinha pretensão de promover renovação psicológica e estética, o que justifica a crítica ao Brasil agrário.

Gabarito

1. a) As duas personagens têm o mesmo destino: ambas são vítimas dos negócios e interesse de Madame Pommery. O Doutor Pinto Gouveia é aquele que lhe emprestara os seis contos, ainda nos primeiros tempos da carreira desta e que, ao final de dois meses, se via, por conta de sua credulidade nos favores da referida senhora, devendo muito mais. O caso de Justiniano Sacramento é semelhante: funcionário de uma repartição de arrecadação do estado, cabe-lhe a tarefa de vistoriar e lançar imposto sobre o “Paradis Retrouvé” de Madame Pommery, que a seus olhos nada tinha de uma pensão familiar. Lançado o imposto, aliás bastante pesado, Justiniano é seduzido pelos encantos da vida que se levava naquele palácio. E, assim, não só Madame Pommery se vê livre dos impostos, como Justiniano vai rapidamente perdendo suas economias acumuladas a custo de uma vida metódica.
b) A caracterização de Justiniano como metódico, religioso e patriota pode ser percebida através de expressões ou trechos como: “com exemplar pontualidade”, “sair de opa e de estandarte na procissão de Corpus Christi”, “cumprimentar o presidente”. Considerando que Justiniano, ao fim do romance, cai na mais absoluta desgraça por conta da armadilha tramada por Madame Pommery, é de se entender que toda essa seriedade e religiosidade escondiam um tipo de pessoa não só ingênua como ocultamente voltada para os prazeres da vida.
2. D
3. A
4. C
5. E
6. B
7. FVVVF
8. C
9. C
10. A

Gabarito “Vem que tem mais”!

A